

MAS... E O BEIJO DAS TRAVESTIS?

DE FELIKO E CLARINA, DOS SENTIDOS PRODUZIDOS EM REDE E DE QUEM PODE (E COMO PODE) BEIJAR NO HORÁRIO NOBRE¹

BUT ... WHAT ABOUT THE TRANSVESTITE KISS?

FROM FELIKO E CLARINA, FROM DE SENSES PRODUCED IN NETWORK AND FROM WHO (AND HOW) CAN KISS IN PRIME TIME TV

Ronaldo Cesar Henn*

Felipe Viero Machado**

RESUMO:

O artigo analisa processos de produção de sentidos em sites de redes sociais na internet (Twitter e Facebook) em torno das cenas de beijos gays e lésbicos, entre personagens das telenovelas *Amor à Vida* e *Em Família*, ambas da Rede Globo de Televisão. Entende-se que, no ambiente de uma cultura em rede, as construções de gênero rearticulam-se por diversas instâncias, que envolvem gestos afirmativos, performatividades e disputas discursivas. Os processos em rede viabilizam formas específicas de construção/desconstrução/reconstrução de significados. Desenvolve-se, no final, uma crítica aos limites dos beijos em si, sob uma visada pós-estruturalista e *queer*.

PALAVRAS-CHAVE: ciberacontecimento; beijos gay/lésbico; redes sociais; teoria Queer

ABSTRACT:

The article analyzes the production of senses in social networking (Twitter and Facebook) around the scenes of gays and lesbians kisses between characters of soap operas *Amor à Vida* and *Em Família*, both from Globo Television. It is understood that in a networked culture, the gender construction are articulated for several instances, involving affirmative postures, performativities and discursive disputes. The network processes enable specific forms of construction / deconstruction / reconstruction of meanings. It

* Professor no PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. henn.ronaldo@gmail.com

** Doutorando no PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. felipeviero@gmail.com

develops in the end, a critical about the kissing itself under a target poststructuralist and queer.

KEYWORDS: ciberacontecimento; gay/lesbian kiss; social network; Queer theory

Um beijo pra quem é DJ
Um beijo pra quem é MC
Um beijo pra quem é do bem
Um beijo pras travestis
Um beijo pra quem tá solteira
Um beijo pra quem é fifi
Um beijão pras maloqueira
Um beijo pras travestis
Um beijo - MC Xuxú

DOS PRIMEIROS PASSOS (E DOS PRIMEIROS BEIJOS)

Pela teoria proposta por Louis Quéré (2005), o acontecimento, ao mesmo tempo em que faz irromper uma descontinuidade, possui grande poder de afetação. Na teledramaturgia brasileira, há algum tempo², criou-se uma expectativa para o que se convencionou chamar de “beijo gay/lésbico”, ou seja, uma cena em que um casal homossexual pudesse visibilizar, com naturalidade, esse momento íntimo. Há cada telenovela em que existe dramaturgia concreta nesse sentido, geram-se redes de opiniões de várias texturas, o que torna a possibilidade em si um efetivo acontecimento. Com a emergência das redes sociais digitais, o acompanhamento de tais promessas traz novos ingredientes para essa imbricada e complexa construção de gêneros. Mídias convencionais, sites de redes sociais e públicos entrelaçam-se agora em processos convergentes e igualmente divergentes em que disputas de sentidos são efetivadas: um potencial de diversidade aflora circunscrito a uma discursividade marcada por preconceitos e dubiedades.

Nessa perspectiva, o artigo analisará formas de construção de gênero nas redes sociais digitais a partir das cenas de beijos entre personagens com relações homossexuais nas novelas *Amor à Vida* e *Em Família*, ambas da Rede Globo de Televisão³. Na primeira parte, apresenta-se o quadro teórico que pauta essas análises que está, em primeiro momento, centrado nos conceitos semiose (PEIRCE, 2002), semiosfera (LOTMAN, 1999) - pensados no âmbito da produção de sentidos em redes digitais e na potencial geração de uma semiodiversidade - e nas perspectivas pós-estruturalistas de gênero (RUBIN, 1993; SCOTT, 1995; BUTLER, 2003), de sexualidade (FOUCAULT, 1988; HOCQUENGHEM, 2009), assim como dos estudos *queer*, que envolvem e bebem dessas fontes (RICH,

2010; PRECIADO, 2009, 2014; KRISTEVA, 1982). Na segunda parte, há uma descrição de posts coletados no Facebook e no Twitter nos dias em que as cenas foram ao ar e uma análise das percepções de gênero nelas implicadas.

DOS SENTIDOS EM CIRCULAÇÃO

Em *Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture*, Henry Jenkins, Sam Ford e Joshua Green (2013), ao fazerem balanço de algumas críticas aos trabalhos que enfatizam a produção digital, consideram que o embate entre uma visão que vê a comunicação em rede como uma modificação substancial da audiência e outra, que não percebe nenhuma transformação significativa sobre as estruturas existentes, faz parte de uma série de quadros concorrentes que moldam a compreensão da participação on-line nesse momento de transição. Segundo os autores, essas perspectivas binárias provêm de diferentes disciplinas e sugerem uma dificuldade persistente de definir o que é uma participação significativa em diversos campos distintos. Estão implicados, nessa tensão, dois conceitos de participação que não são necessariamente excludentes: um, de cunho corporativo, que pressupõe uma ativa presença de diferentes atores nos processos de produção midiática, e outro, de cunho político, focado nas intervenções sociais nos processos de decisões públicas. Nos dois conceitos, entra em jogo a reestruturação que a ecologia da mídia vem sofrendo nas últimas duas décadas.

Um dos sintomas mais significativos dessa reestruturação e que serve como palco das tensões conceituais contemporâneas encontra-se nos processos transnarrativos que envolvem conexões entre diferentes plataformas e suportes midiáticos, incluindo os chamados ambientes offline (HENN, 2014). A telenovela Avenida Brasil⁴ é um marco dessa cena da cultura em rede: uma narrativa múltipla foi se constituindo em paralelo à narrativa dramática tradicional, sobretudo através do Twitter⁵. Na medida em que a produção fez muito sucesso (o Brasil praticamente parou para assistir o capítulo final⁶), a intensidade das manifestações em rede aumentou vertiginosamente. Praticamente outra novela foi se costurando nas diversas formas de comentários e compartilhamentos, alguns na categoria de virais⁷, o que gerou uma narratividade singular.

Na perspectiva do *spreadable media*, o conteúdo literalmente espalha-se numa série de transações entre agentes de diferentes quilates. É uma mídia que viaja, entre plataformas midiáticas, com o tônus do compartilhamento (ZAGO, 2014). Essa cena contemporânea produz o que Ethan Zuckerman (2013) entende como um cosmopolitismo

digital, cuja articulação confronta-se com estruturas sócio-midiáticas ainda arcaicas, que precisam se reestruturarem no sentido, inclusive, de uma alfabetização cultural. Existem barreiras para o exercício da xenofilia, em contraponto a xenofobia, que se expressam, na nossa perspectiva, tanto em estruturas de poder em rede (CASTELLS, 2009), como em discursividade tensa. Evoca-se, nesse sentido, a proliferação de uma semiodiversidade (HENN, 2013) que, nos ambientes configurados em rede, encontra processos peculiares para se propagar.

A ideia de semiodiversidade vem do cruzamento de dois conceitos: o de semiose, proposto na Teoria dos Signos de Charles Sanders Peirce (2002), e o de semiosfera, elaborado pelo semiótico russo Yuri Lotman (1996). A semiose corresponde à própria ação do signo, ao que ele produz. Um signo, vinculado a objetos semióticos, produz, na mente que o processa, outro signo, seu interpretante, com capacidade de gerar outros e outros em propagação potencialmente infinita. Um beijo de telenovela, como os que estão em foco nesse trabalho, é um signo que se vincula a vários objetos: à imaginação dos autores, às convenções sociais, à construção dos atores, à indicialidade da imagem que expressa o afeto entre duas pessoas, aos arranjos estéticos de enquadramento, iluminação, edição de som. Enfim, uma pluralidade de objetos que, via signo (o beijo na TV), possui a potencialidade de gerar diversidade significativa de interpretantes. Como se trata de signo inscrito em meio de comunicação massivo e num produto que, no Brasil, tem grande adesão do público, a possibilidade desta semiose ser intensamente extensa é um dado de saída.

Com o desenvolvimento da comunicação em redes digitais e a consolidação de conexões e compartilhamentos através de apropriações dos sites de redes sociais, as semioses encontram agora um extraordinário ecossistema de materialização pública dos seus processos. É isso que pode transformar um evento semiótico, como um beijo de novela, em grande acontecimento. E como se trata de signo que concentra objetos que já são de natureza conflitiva, a semiose que esse acontecimento dispara tende a ter comportamento convulsivo.

Para Yuri Lotman (1996), as semioses metabolizam-se em espaço específico, que ele designa como semiosfera, espaço esse de comportamento similar às camadas que envolvem o planeta Terra, sobretudo a biosfera (LOZANO, 1999). Na perspectiva desse autor, as dinâmicas das linguagens nas suas apropriações e construções cotidianas - inscritas em vários suportes - produzem textos que dinamizam a cultura, modalizando-a.

A semiosfera é o espaço em que essa modelização concretiza-se, o que gera tanto hegemonia de sentidos e formatos, como de disputas: criam-se fronteiras com bolsões, muitas vezes, conflitivos.

Quando o grau de tensionamento aumenta (e isso pode ser pensado tanto no plano dos formatos, da organização dos códigos, como nos desdobramentos de sentidos), as semioses podem ser explosivas, gerando transformações na semiosfera (LOTMAN, 1999). Acontece o que autor chama como operações de tradução, com o aumento significativo da semioticidade do comportamento social (LOTMAN e USPENKY, 1981).

Entende-se que os espaços semióticos formam um lugar de disputas de formatos e sentidos propulsionados por semioses que não são, a rigor, deterministas. Os fluxos dessas semioses, disparadas por novos processos de conectividade, podem gerar flutuações com grandes níveis de tensão, produzindo situações críticas. Na medida em que novas conectividades surgem constituindo uma imponente cultura em rede, outros códigos estabelecem-se com fluxos de semiose distintos, que geram outras possibilidades de estruturalidade (HENN, 2013). Nesse cenário, as construções de gênero também se rearticulam em diversas instâncias, que passam tanto por afirmações e disputas discursivas até performances (KRAMBECK, 2013) que apontam para múltiplas possibilidades de ser.

GÊNEROS E SEXUALIDADES EM DEVIR: O QUEER COMO PERSPECTIVA TEÓRICA E POLÍTICA

Essas performances podem ser problematizadas com maior grau de densidade através dos estudos *queer*. Retomando-se as proposições fundantes de Gayle Rubim (1993), que introduz nas discussões feministas, em 1975, o sistema sexo/gênero, pode-se perceber uma dicotomia que instaura o novo conceito, sedimentando-se sobre a lógica de que haveria uma sexualidade biológica (sexo) que, mediante arranjos sociais, seria transformada em produtos da atividade humana (gênero).

Joan Scott, em 1985, percebia o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais e, ainda, como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Diante disso, as categorias homem/mulher seriam, ao mesmo tempo, vazias (por não terem nenhum significado definitivo e transcendente) e transbordantes (pelo fato de, mesmo parecendo concluídas, possuem dentro de si possibilidades

reprimidas). A única forma de gerar rupturas seria percebê-las desse modo e, mediante disputas em torno da significação, produzir novos sentidos.

Judith Butler (2003), em uma das obras precursoras da teoria *queer*, em 1990, rechaça a ideia de um sexo pré-discursivo, por considerar que tal perspectiva apenas asseguraria a estabilidade de uma lógica binária e a manutenção de dicotomias (macho/fêmea). Dessa forma, toma o gênero como “uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada” (BUTLER, 2003, p. 37). A autora questiona a razão de reduzir esse ser apenas a dois (masculino/feminino) e traz a noção de “gêneros inteligíveis” a fim de discorrer sobre aquilo que, mantendo a continuidade esperada entre sexo/gênero/desejo, seria aceito, bem como sobre aquilo que, rompendo com esse velho sonho simétrico, seria incompreensível e, por conseguinte, posto à margem.

Ao lado das questões de gênero, a discussão sobre a consolidação da sexualidade, enquanto “verdade” do sexo e de seus prazeres (FOUCAULT, 1988), torna-se central. Em sua empresa para desenvolver uma história dessa, ou, mais propriamente, uma história de seus discursos, Michel Foucault (1988) aponta que, a partir do século XVIII, articula-se uma sociedade que toma como ponto central desvelar o sexo, percebê-lo em suas ramificações e extrair o prazer da produção da verdade sobre ele.

Seria, assim, sob o julgo de um bio-poder positivo que, da questão do sexo, pedir-se-ia, ao mesmo tempo, a produção da verdade e a produção de dada verdade em específico. A histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso funcionariam, assim, como os quatro grandes conjuntos estratégicos que teriam desenvolvido os dispositivos específicos de saber/ poder do sexo (FOUCAULT, 1988).

Da sodomia, portanto, enquanto ato interditado, passa-se a homossexualidade como uma forma de vida e ao homossexual como um sujeito específico, com uma natureza singular e uma identidade. Para Guy Hocquenghem (2009), hetero e homossexualidade seriam produtos de uma sociedade capitalista que, ao delimitar desejos e práticas dentro e fora da norma, respectivamente, asseguraria a manutenção de uma estrutura social falocêntrica (e hierarquicamente seccionada), evitando, por conseguinte, os riscos de novas possibilidades marcadas pelo não recalcamento do ânus e pela ascensão de um modelo horizontal, e não mais vertical, de coletividade e organização sexual (PRECIADO, 2009).⁸

Preciado (2014) radicaliza essa perspectiva no seu Manifesto Contreassexual, cujas práticas entende como tecnologias de resistência à produção disciplinar da sexualidade, historiografada por Foucault (1998). Ao mesmo tempo, pensa a contrassexualidade como uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade, cujas práticas identitárias são apenas “máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, flucos de energia e de informação, interrupções e interruptores,, chaves, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios...” (PRECIADO, 2014, p. 22-23).

Em 1980, Adrienne Rich (2010) questiona a naturalização da heterossexualidade. Ao falar em “heterossexualidade compulsória”, percebe-a como uma instituição política que retiraria o poder das mulheres, mantendo-as em uma posição de subalternidade e, com esse gesto, inverte a pergunta: e por que não inquirir a sexualidade hegemônica?

Em face desse contexto (de um ponto de vista teórico e político, assinalado pelas críticas feministas e pela consolidação de um movimento homossexual e, de um ponto de vista social, marcado pela epidemia de AIDS e pela repulsa pública aos *queers*, potencializada pelo medo da contaminação⁹), é possível perceber o desenvolvimento da teoria *queer* como a consolidação de um movimento teórico e político difuso, transnacional, que, de maneira geral, estabelece uma crítica a um modelo de hegemonia e aos seus próprios binarismos (hetero/homo; homem/mulher), o qual separa corpos entre normais e anormais.

A noção de abjeção, percebida a partir de Julia Kristeva (1982) assume, então, uma centralidade: uma vez que os corpos *queers*, os corpos à margem, os corpos sem peso (BUTLER, 2000), seriam, em seus próprios termos, aqueles que não gerando empatia, que não respeitando as bordas e os limites, produziram o asco.

O *queer* toma, ainda, a injúria como uma forma de enunciação e de produção de saber (o próprio termo *queer* designa aquele sujeito estranho, esquisito, tais como a bicha e o sapatão) e voltando-se a diferentes identidades subalternas, configura-se como um questionamento radical dos processos de subjetivação (PRECIADO, 2009).

Trata-se de perspectiva que transcende a defesa de minorias, pois, consistiria na tomada da palavra pelos próprios sujeitos estigmatizados (GOFFMAN, 2008) e no questionamento das normas que os relegariam à marginalização.

FELIKO E CLARINA: SOBRE COMO OS BEIJOS MOVIMENTARAM AS REDES

Os beijos de Feliko (casal de Félix e Niko) e de Clarina (casal de Clara e Marina), tais como foram chamados nos sites de redes sociais digitais, geraram uma multiplicidade de sentidos e uma pluralidade de postagens. O processo metodologia integra a experimentações desenvolvidas em um conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Investigação do Cibercontecimento (PPGCCOM/Unisinos), que se foca no monitoramento dos sites das redes sociais digitais e de portais de notícia. Criou-se um grupo fechado no Facebook para o compartilhamento do monitoramento e coleta produzida pela equipe. Depois dessa coleta, os materiais passaram por um processo de análise que designamos, preliminarmente, como *análise de construção de sentidos em rede*. Na sequência, uma síntese de algumas das análises e formulações desencadeadas a partir do processo de pesquisa. Leva-se em conta que a ambiência produzida pelos sites de rede social, conforma semioses específicas por conta da natureza das ferramentas, que por conta de apropriações distintas, transformam-se em produtoras de sentido.

De maneira geral, foi possível constatar, mediante análise dos materiais coletados via Facebook e Twitter, duas formas de posicionamento extremas, em relação aos beijos: de adesão, valorizando-os (em uma perspectiva de contribuição à aceitação da diversidade sexual), bem como de repulsa (organizadas em uma lógica de que os beijos atacariam a moral, contribuíram para a desconstrução da família e seriam uma afronta aos valores cristãos). Trechos transcritos abaixo, em prints, ilustram esses pontos.

@PortalPoplândia: *Walcyr Carrasco LACROU a geração das novelas como uma cena, apenaxx #BeijoGay #AmorAVida.*

@JornalOGlobo: *“Um grande passo para a sociedade”, diz Mateus Solano sobre o beijo gay de Félix e Niko.*

@OficialClarina: *- 190, qual a emergência? - Preciso de um coração novo, porque o meu parou com beijo Clarina #BeijoClarinaVencendoOPreconceito*

Imagem 01: Prints do Twitter e do Facebook sobre beijo lésbico.



Leonardo...: *É uma pouca vergonha, isso sim, o fim dos valores e dos princípios da família, um absurdo. Na minha casa a globo perdeu audiência no horário dessa novela e tenho certeza de que em muitas outras e logo chegará o dia de perda total, pode esperar.*

Elisângela...: *Não curto, o amor é livre, mas a gayzisse dos outros não precisa entrar na minha casa em horário nobre... Cada um com seus pobremasss...*

Wallace...: *Homossensualismo é pecado a palavra de Deus condena... É o contra o normal do ser humano.*

Para além de posicionamentos antagônicos foi possível perceber, igualmente, diferentes formas de abordar a questão. Embora houvesse centralidade nas oposições entre “ser contra ou a favor” ao fato de tratar-se de beijos gay/lésbicos, observou-se mais do que isso. Pontos como a rapidez de ambos os beijos (selinhos) e a necessidade de (ou a não necessidade) de transmitir a demonstração de afeto constituíram abordagens que tornam mais complexas as disputas de sentidos desencadeadas. Destaca-se, também, a presença do humor cujos enunciados reforçam as ambiguidades implicadas nos enquadramentos dos poss. As mensagens com a marca do humor oscilam entre uma forma de ruptura e de consolidação de novos significados, tal como propõe Bakhtin (1996), e no sentido de desqualificação dos sujeitos por sua orientação sexual. Nesse registro, percebe-se a consolidação de uma das formas de homofobia, tal qual ensina Borrillo (2010).

Imagem 02: Prints do Twitter e do Facebook sobre beijo gay.





Davi...: *Quem quiser beijar que faça isso na intimidade de suas casas, motéis ou no mato... Agora, tentar implantar isso como se fosse normal é demais né...*

@Twinter: *Eu não vi o beijo gay da novela da Globo, mas escutei meu vizinho gritando: FÉLIX IMORTAL!*

Maykon...: *Beijo de sapatão rola muito mais couro do que aquilo BRASIL ... #FicaDica #EmFamilia #BeijoLesbico*

@BlogEntreNos: *Eu cresci vendo somente beijo hétero na TV e isso não me influenciou em nada, pois sou gay. #Clarina #EmFamilia*

Imagem 03: Prints do Twitter e do Facebook sobre beijo gay/lésbico.



BEIJINHO, BEIJINHO, TCHAU, TCHAU

Dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia registram que ao longo do ano de 2013, a cada vinte e oito horas um gay, uma lésbica, uma travesti, uma (um) transexual ou uma (um) transgênero foram assassinados (das) por motivações homofóbicas.¹⁰

Nesse sentido, torna-se fundamental que a diversidade sexual e de gênero seja discutida para além de pequenos e restritos círculos e que a dicotomia sujeitos normais/ sujeitos anormais seja continuamente combatida.

A mídia hegemônica, dessa forma, desempenha um papel central no que tange o combate a uma série de violências simbólicas e materiais e pode, via desenvolvimento de diferentes sentidos, contribuir para a construção de percepções mais plurais.

Os beijos gay e lésbico de *Amor à vida* e de *Em Família*, naturalmente, desempenharam um papel de vanguarda ao promoverem tal discussão na principal rede de televisão brasileira. As disputas entre aqueles que apoiaram e que rechaçaram a medida puderam ser claramente observadas mediante coleta, análise e discussão das postagens nas redes sociais, conforme já exposto. E tal discussão, com debates, posicionamentos e visões divergentes, seguramente contribuiu para que a questão LGBTTT ganhe mais evidência e se configure como a importante pauta social e política.

Apesar disso, para além de um tom celebrativo, há que se fazer ressalvas. As personagens Félix e Niko, Clara e Marina, enquanto sujeitos, dizem de uma forma, apesar de não heterossexual, ainda restrita no que tange as identidades de gênero e de sexualidade. Os quatro são brancos, os quatro são de classe média/média alta e os quatro desenvolvem uma relação estável e monogâmica (e, apenas aí, o beijo gay/lésbico é

sancionado) e, apesar dos dois primeiros romperem com determinadas performatividades de gênero (Félix e Niko não são gays “masculinizados”), Clara e Marina são lésbicas extremamente femininas.

O que se critica, dessa maneira, são as novas exclusões que marcam duramente essas “coincidências”. Se antes o discurso coletivo era “não seja gay/lésbica”, fazendo com que alguns casais que não fossem heterossexuais da teledramaturgia tivessem que ser inclusive eliminados, tamanho descontentamento do público (caso das lésbicas interpretadas por Christiane Torloni e Silvia Pfeiffer, em Torre de Babel, em 1998¹¹), hoje se tem o discurso “seja ESSE gay/ ESSA lésbica”. Dizendo-se “rompa com determinados padrões, mas não rompa com todos eles”, segue-se restringindo os sujeitos à determinadas formas toleráveis e inteligíveis de vivência e segue-se relegando determinados corpos à exclusão. Em uma lógica claramente heteronormativa, tem-se a legitimação de relações homoafetivas, varrendo-se para debaixo do tapete a lógica homossexual que também aí se faz presente. Trata-se, portanto, de uma higienização da questão, de uma assimilação por parte da norma (RIOS, 2013).

Nessa perspectiva, a semiosfera contemporânea que se constitui a partir das conexões em redes digitais, mesmo que visibilize questões que dormitam naquilo que Polack (1989) chama de memória subterrânea e gere construções/disputas de sentidos mais intensas, ainda guarda para além de suas fronteiras a radicalidade volátil de corpos não alinhados com o que Preciado (2014) designa como *tecnologia social heteronormativa*. Ou seja, as disputas de sentidos percebidas no conjunto de posts coletados, apesar de pautarem-se, em alguma medida, pela complexidade e ambiguidades, ainda estão aquém de uma série de abordagens que permanecem como que invisíveis. Há, portanto, limites na potencial semiodiversidade dos processos em rede.

É nesse sentido que também vale questionar: pós beijo gay e beijo lésbico, ambos homoafetivos, ambos brancos, ambos de classe média quando será exibido o beijo homossexual de travestis, transgêneros e transexuais, de outras classes sociais, de outras etnias e em outros contextos que não sejam o da família que vive “feliz para sempre”?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1996), *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC.

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Editora Record, 2003.

CASTELLS, M. *Networks of outrage and hope. Social movements in the internet age*. Malden: Polity Press, 2012

___ *Comunicación y poder*. Madrid: Alianza Editorial, 2009

FOUCAULT, M. *A Vontade de Saber. História da Sexualidade*, vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1988.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HENN, R. *El cibercontecimiento: producción y semiosis*. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

___ *A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo*. In: SILVA, A; Nakagawa, R. M. (Org.). *Semiótica da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2013, p. 102-119.

HOCQUENGHEM, G.; PRECIADO, B. *El deseo homosexual*. Melusina, 2009.

JENKINS, H.; FORD, S. e GREEN, J., *Spreadable Media, Creatin, Value and Meaning in a Networked Culture*. Nova York: New York University Press, 2013.

KAMBRECK, R., R., *Cyberqueer: performances de gênero e mobilização de traços identitários na construção da narrativa da personagem Katylene no blog e no Twitter*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: PPGCCOM/Unisinos, 2013. <http://www.unisinos.br/blogs/ppg-comunicacao/2013/03/26/defesa-de-dissertacao-rafael-soares-krambeck/>. Acesso em 17/07/2014.

KRISTEVA, J. *Powers of horror*. New York: Columbia University Press, 1982.

LOTMAN, Y., *Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999

___ *La semiosfera*. Madri: Catedra, 1996.

LOTMAN, Y., USPENSKII, B., et. al. *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Horizonte Univer-sitário, 1981.

LOZANO, J. Prólogo. In: LOTMAN, Y. *Cultura y explosion: lo previsible en los procesos de cambio social*. Barcelona: Gedisa, 1999.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Autêntica, 2012.

NASCIMENTO, F. *Cadê “as sapatões”?* Diferenças de gênero nas representações de homossexuais nas telenovelas da Rede Globo. Artigo não publicado. 2014.

PEIRCE, C. S., *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Past Masters, CD-ROM. EUA, Intel Corporation, 2002.

PRECIADO, B. Terror anal. In HOCQUENGHEM, G. *El deseo homosexual*. Madri: Melusina, 2009.

_____. *Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N1 Edições, 2014.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa, nº 6, p. 59-76, 2005.

RECUERO, R., *A conversação em rede. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 2012.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In *Estudos Históricos*, Vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989. P.p. 3-15.

RIOS, R. R. As uniões homossexuais e a “família homoafetiva”: o direito de família como instrumento de adaptação e conservadorismo ou a possibilidade de sua transformação e inovação. *Civilística* a. 2. n. 2. 2013.

RUBIN, G. *O tráfico de mulheres. Notas sobre a “Economia Política” do sexo*. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise históric. *Educação e realidade*, 1995.

ZAGO, G. *Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no jornalismo em rede : a Copa do Mundo de 2014 no twitter*. Tese de doutorado defendida na UFRGS, Porto Alegre, 2014.

ZUCKERMAN, E., *Rewire: Digital Cosmopolitans in the Age of Connection*. Nova York: W. W. Norton, 2013.

NOTAS

1. A primeira versão desse texto foi apresentado no GP de Cibercultura, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2. Conforme aponta Nascimento (2014), em levantamento acerca da representação de sujeitos LGBTTTs nas telenovelas da Rede Globo de Televisão, há um total de 116 personagens em 63 produções, sendo 76 homossexuais masculinos (gays), 25 homossexuais femininos (lésbicas), 8 homens bissexuais, 1 mulher bissexual, 2 travestis, 3 transexuais e 1 sem identidade de gênero e orientação sexual definida. Os dados de Nascimento (2014) chegam até início de 2013, de modo que aí não se está considerando as novelas *Amor à Vida* e *Em Família*, ambas de 2014 e ambas cujos beijos são aqui discutidos.
3. *Amor à Vida*, novela das 21 horas, exibida entre 20/05/13 e 31/01/14, teve o primeiro beijo gay, em uma novela da Rede Globo, protagonizado por Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso), em seu último episódio. *Em Família*, também exibida as 21 horas, entre 03/02/14 e 18/07/14, teve os dois primeiros beijos lésbicos, em uma novela da Rede Globo, protagonizados por Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller), em dois instantes da trama: no momento do pedido de casamento e no final da cerimônia propriamente dita. Os sites oficiais das novelas, nos quais as cenas dos beijos podem ser assistidas, são, respectivamente: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/index.html> e <http://gshow.globo.com/novelas/em-familia/index.html>. Acesso em 17/07/14.
4. *Avenida Brasil*, novela da Rede Globo de Televisão, exibida às 21 horas, entre os dias 26/03/12 e 19/10/12. Mais informações podem ser obtidas no site oficial da novela: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/index.html>. Acesso em: 17/07/14.
5. No último capítulo, que foi ao ar pela Rede Globo de Televisão no dia 18 de outubro de 2012, a novela ocupou sete das dez posições do Trendings Topics Brasil do microblog Twitter, conforme <http://info.abril.com.br/noticias/internet/final-de-avenida-brasil-faz-sucesso-nas-redes-sociais-19102012-46.shl>. Acesso em 17/07/2014.
6. Segundo o UOL, somente em São Paulo houve um pico de 53,8 por cento de audiência, o que constituiu a maior do ano registrada na televisão aberta em 2012. Ver <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/19/ultimo-capitulo-de-avenida-brasil-tem-509-de-ibope-e-e-maior-audiencia-da-tv-no-ano.htm>, acesso em 10/06/2015
7. Virais é o termo usado para designar posts que se propagam intensamente pelas redes digitais, comportamento também conhecido como *memes* (HENN, 2013).
8. No posfácio *Terror Anal*, da obra *El deseo Homosexual*, de Guy Hocquenghem, Beatriz Preciado (2009) apresenta a parábola do ânus que, sendo fechado, proibido, proporciona o desenvolvimento do modelo de coletividade que nos é hegemônico.
9. Sobre as origens da Teoria Queer, ver Miskolci (2012).
10. Mais informações podem ser consultadas em: <http://www.midianews.com.br//storage/webdisco/2014/02/14/outros/747486191270d149b81fdfe548b921d1.pdf> Acesso em 19/07/14.
11. Vide video. <https://www.youtube.com/watch?v=Xh-bd2L3T4E> Acesso em 19/07/14.

Artigo recebido: 29 de junho de 2015

Artigo aceito: 30 de julho de 2015